

A DITADURA MILITAR NOS LIVROS DIDÁTICOS

Lorranny Araújo de Andrade¹

Sandra Rodart Araújo²

Resumo: O presente artigo terá como objetivo a análise da maneira como é discutida a ditadura militar nos livros didáticos. Será destacado três tópicos para considerar a construção dos textos didáticos nos livros: Títulos e Subtítulos, Documentação e Estrutura Textual. A finalidade será apontar as diferenças entre o que era passado e como trabalhado esse assunto em sala de aula, e como isso foi mudando até os dias atuais.

Palavras-Chave: Ditadura, análise, livro.

Introdução

A escolha do tema do trabalho surgiu durante as aulas de orientação de estágio, com alguns exemplos da professora Sandra Rodart. A escolha dos livros didáticos teve como critério o espaçamento de tempo de uma década, com um livro de cada década desde 70 até o mais recente.

Os livros separados foram: História do Brasil (1973), por Ládmo Valuce, que foi encontrado no Laborhis (Laboratório de História) do campus Unucseh; História do Brasil (1981), por Ricardo Michelany e Ciro de Moura Ramos, que também foi encontrado no Laborhis; História (1993), por Ricardo de Moura Faria, Adhemar Martins Marques e Flávio Costa Beruti, livro adquirido durante uma doação da professora Julia Silva; A Escrita da História (2005), por Flávio Campos e Renan Garcia Miranda, livro adquirido através de um dos alunos do curso; História em Movimento (2015), por Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi, livro atual da escola onde atuei como regente adquirido através da biblioteca da mesma.

1

Aluno do 4º Ano, Curso de História, UEG, Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas lorrannyandrade1@gmail.com

2

Docente do curso de História, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis/GO sandrarodart@hotmail.com

Títulos e Subtítulos no Livro Didático

Os títulos fazem parte da construção de um texto. Um bom título chama a atenção do leitor e o convida à leitura. Os títulos dos capítulos além disso refletem toda uma época.

O mais antigo, História do Brasil (1973), é mais direto e simples. Não há muito conteúdo escrito, até por que a história relatada ainda estava se desenvolvendo. Se tratando de uma História do Tempo Presente, fica claro a influência política nos textos e a falta de desenvolvimento dos acontecimentos.

Já se disse que toda história é história contemporânea com uma fantasia. Há alguma verdade nisso. O grande Theodor Mommsen escreveu sobre o Império Romano como um liberal alemão da safra de 48, refletindo também sobre o novo Império Alemão. Por trás de Júlio César, percebemos a sombra de Bismarck. Ainda assim, uma coisa é escrever a história da Antiguidade Clássica, ou das Cruzadas, ou da Inglaterra dos Tudor como precursora do século XX, como todos os historiadores destes períodos devem fazer, e outra bem diversa é escrever a história de seu próprio tempo.

3

Como Hobsbawn trata em seu texto O Presente Como História: Escrever A História De Seu Próprio Tempo, a história escrita no tempo presente recebe vertentes diferentes dependendo do historiador.

No Brasil, em 73, estava em pleno crescimento econômico, o chamado “Milagre Econômico”, sob a presidência de Emílio Médici. No ramo da educação vigorava a lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que reformava o ensino de 1º e 2º graus.

Dito isso, vemos no livro mais antigo analisado de 1973, intitulado História do Brasil, as seguintes características: reserva os últimos capítulos do livro para falar sobre a ditadura, no livro descrita como “Revolução de 64”. Não era estranho aparecer esse título para denominar o que aconteceu em 1964, era como o tema deveria ser desenvolvido estando dentro ainda da ditadura militar. O capítulo 39, “Do Estado Novo Até Nós”, possui quatro páginas dedicadas à explicação dos governos de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, João Goulart, Costa e Silva, e o último tópico recebe o nome de “O Atual Governo”. Novamente, por se passar no tempo presente, e levando em consideração a situação política do país, não era propício para o governo tratar de questões que não fossem econômicas e políticas no texto. O capítulo 40 possui o nome de “O Brasil Evolui” com subtítulos voltados para as áreas que sofreram mudança econômica (“agricultura”, “indústria”, “siderúrgica”, “petróleo”, “Sudane’ e “no campo rural”). Esse capítulo refere-se ao Milagre Econômico, que veio depois que o país conseguiu se estabilizar economicamente das mãos de Emílio Médici.

3

HOBSBAWN, Eric. p. 103

Já em 1981, que é a data do próximo livro analisado, a ditadura estava perto de seus anos finais, nas mãos no último presidente durante a ditadura militar João Figueiredo. Na educação, o número de matrículas aumenta, porém, o investimento nas escolas nesse tempo da uma decaída, as escolas ficam em situações precárias e o salário dos professores entra em deterioração.

E como já se trata de um período mais afastado do início da ditadura, o livro História do Brasil (1981), tem uma construção mais elaborada, com o último capítulo dedicado ao período, com o nome de “Terceira Fase: Revolução de 1964”. Como eu já disse, a aparição do nome “revolução” é constante durante o período. Em comparação ao primeiro livro é um capítulo muito mais elaborado, com trinta e oito páginas descrevendo politicamente o período. Dos vinte tópicos que dividem o capítulo os que chamam mais atenção são: “Os Ministros Militares na Chefia da Nação”, “Instituído o Divórcio no Brasil”, “Os Atos Institucionais e a Constituição Revolucionária” e “A Lei da Anistia”.

Em 1993, a próxima data do livro escolhido, Itamar Franco era o presidente. E em 93 também há o lançamento do Plano Decenal Educação Para Todos.

O terceiro livro, História (1993), apesar de se passar em um tempo de plena redemocratização e reavaliação da educação, carrega muita herança do tecnicismo desenvolvido durante a ditadura, sendo sua escrita puramente econômica. O livro separa-se o último capítulo “Brasil pós-45” para desenvolver o tema. Mesmo carregado de documentos acadêmicos e seus títulos, os tópicos que chamam a atenção são: “A Censura Política na Imprensa Brasileira”, onde apresenta apenas documentos da imprensa e nenhum texto explicativo. “O Golpe de 64”, aqui já tendo a liberdade de tratar o assunto com mais coerência, porém sem texto didático. “Autoritarismo Político e Milagre Econômico”. A diferença de tratamento com o tema é esperada, pois havia poucos anos do fim da ditadura militar.

Em 2005, sob a presidência de Luiz Inácio “Lula” da Silva, a educação estava recebendo mais atenção. Já vigorava a LDB sancionada em 96 (a Lei 9394/96).

Começando até pelo próprio título do livro, que em comparação com os outros carrega certo peso, se levarmos em conta os estudos dos Annales sobre historiografia e o próprio livro do Peter Burke Escrita da História.

Em A Escrita da História (2005), que é talvez o mais denso culturalmente falando, vem carregado da explosão da história social e cultural, trabalhando mais amplamente o tema que os outros livros. A parte do livro que remete ao tema são o capítulo 25 e 26 da unidade 9. É um livro de volume único, por isso possui bastante conteúdo. O capítulo 25, “O Autoritarismo em Marcha”, com dezessete subtítulos, possui alguns de destaque: “Sob o Signo de Saturno”, uma referência ao livro de Susan Sontag, que é sobre Leni Riefenstahi, a cineasta favorita de Hitler, a autora do documentário *Trinfo da Vontade*; “Não confie em ninguém com mais de trinta anos”, que remete à música Com Mais de 30 de Paulo Sérgio e Marcos Valle; “A Era de Aquário no Brasil”, subtítulo com referência à astrologia e a transição da chamada Era de

Peixes para a Era de Aquário, que se deu em 2001, inaugurando o tempo da tecnologia e comunicação. A transição é apenas a mudança do nascimento do sol em posição com a constelação de aquário. É uma crença astrológica de que as posições das estrelas afetariam o rumo da vida na Terra, e a Era de Aquário traria a novidade tecnológica, diferente de sua Era anterior, Era de Peixes, que é ligada ao misticismo e a fé. “Navalha na Carne”, leva o nome de uma peça teatral de Plínio Marcos, levada ao palco em 1967.

O capítulo 26 “A Esperança Equilibrada” traz os subtítulos: “Brazilian way of life”, uma adaptação da frase norte americana *American way of life*, que significa *Jeito americano de viver*, o subtítulo pode ser grosseiramente traduzido como “o jeitinho brasileiro de viver”; “A Volta dos Estudantes”, referente ao ano de 1977, quando alunos da PUC-SP se organizaram em protesto e foram violentamente reprimidos; “O Crepúsculo dos Deuses”, nome de um filme norte americano de 1950, que fala da ambição de jovens por fazer sucesso, e da tragédia imensa que é a decadência de quem já teve sucesso e não tem mais

O livro História em Movimento (2015) entra na época da síntese, dos textos rápidos e diretos lembrando o acesso rápido às informações que internet traz, até seus títulos são simples e diretos. Possui o capítulo 16 “O Brasil sob a Ditadura Civil-Militar”, com dezoito páginas, para introduzir e fechar o assunto. Dos tópicos desenvolvidos do capítulo, os “Generais Linha-Dura em Ação” e “Anos de Chumbo”, são os nomes com mais destaque.

Documentos

Todo livro didático deve apresentar algo como documento, não necessariamente textos acadêmicos, mas imagens, músicas, propagandas, mapas, entrevistas, notícias. Com o advento dos Annales, sob a liderança de Marc Bloch e Lucien Febvre, e a primeira edição da revista lançada em 1929, há a mudança no tratamento das fontes historiográficas. Porém, não é um assunto que interfere diretamente na produção dos livros didáticos até finais da ditadura militar.

No primeiro livro, História do Brasil (1973), não apresenta nenhum documento para ser analisado, nenhuma imagem ou mapa. Apenas textos didáticos simples e rápidos. Não há bibliografia no final do livro também.

História do Brasil (1981) já chega bastante diferente, com imagens, cartas e trechos de documentos. As imagens são todas dos presidentes durante a ditadura, são desenhos de bustos dos presidentes com uma descrição breve da vida política do mesmo. É transcrito na íntegra o Acordo de Cooperação Nuclear Brasil-República da Alemanha. Trechos da constituição de 1969 e a Lei de Anistia também são transcritos. Contém inclusive um texto cheio de falas do Papa João Paulo II.

História (1993), é talvez o mais complicado de se utilizar em sala de aula. Apresenta alguns gráficos numéricos e uma seleção de arquivos jornalísticos, ilustrando a censura dos anos 1970 a 1973. Apresenta recortes de textos acadêmicos sem apoio de textos didáticos.

A *Escrita da História* (2005), utiliza constantemente fotografias, mapas, imagens de propagandas da época, charges cômicas e desenhos de protesto, sempre acompanhadas de textos explicativos e fontes, apresenta inclusive a polemica fotografia de Vladimir Herzog e ao lado uma fotografia de sua certidão de óbito. As vezes os textos explicativos cobrem uma página, transformando-se em um tópico do capítulo, como na imagem do jogador de futebol Maradona (p. 580), onde se destaca a tatuagem do Che Guevara no braço do atleta, e ao lado da imagem se desenvolve um tópico com o nome "Che Guevara, o mito pop e revolucionário". Apresenta também as músicas compostas durante o período de ditadura. No início da parte com o subtítulo *Navalha na Carne* há trechos de depoimentos de vítimas da repressão militar e torturas, e um trecho do Coronel Ustra logo em seguida.

O livro *História em Movimento* (2015), também trabalha com fotografias com breve descrições e imagens de propagandas. Algumas imagens inclusive são de vítimas que desapareceram durante a ditadura militar. Apresenta uma notícia da Folha de São Paulo seguido por uma música do grupo Racionais em uma de suas atividades propostas. O diferencial desse livro são os "links", onde destaca-se uma palavra-chave do texto em azul e desenha um quadro em azul pequeno com poucas palavras para indicar um filme, documentário ou livro.

A gigantesca mudança de 1973 a 2015 pode ser relacionada aos Anais, ao revolucionarem o modo de se ver algo e validá-lo como documento que possa ser usado para a história. Os textos diretos do livro de 1973 em contraste com os de 1981 já mostram a influência no ensino, mesmo que fosse utilizado documentos para promover o governo e seus feitos durante o período é um avanço a ser considerado.

Já no livro de 1993, que é carregado de textos acadêmicos, porém sem textos didáticos para apoio contextual, reflete a ansiedade de dizer tudo aquilo que foi abafado pela censura. A prova disso são os trechos jornalísticos sobre a censura que não é encontrado nos outros livros. A falta de didática pode significar falta de reflexão, que emite uma sombra da ditadura, onde o tecnicismo vigorava.

Sombra essa que some na edição de 2005. O livro aborda bastante coisas principalmente por ser volume único, e também por não ser inibido por linhas invisíveis da censura. Não poupa fotografias e propagandas para representar da melhor forma possível a época.

Essa abundância é refreada no livro atual usado nas escolas. As imagens diminuem de quantidade e a preocupação com a documentação não é mais a mesma. A preocupação agora parte da estrutura do texto, como elaborá-lo de forma considerada mais atraente para os alunos.

Estrutura Textual

O livro *História do Brasil* (1973) traz textos curtos numa vertente política, com páginas divididas em colunas. Apesar de possuir um sumário indicando as páginas, o livro não possui

numeração nelas. O desenvolvimento do texto sobre os presidentes é voltado para a decoração de fatos, refletindo nas perguntas no final do capítulo que se resumem em reescrever o que cada um fez e quem foi seu sucessor.

Pode se perceber o ensino totalmente tecnicista, sem oportunidade alguma de reflexão e sem desenvolvimento da história social e cultural do país.

História do Brasil (1981) não possui sumário no início do livro, mas sim ao final. A história política de modo a decorar nomes, datas e acontecimentos permanece nesse livro, porém, é introduzido a história econômica quando se fala do acordo de cooperação nuclear Brasil-Alemanha. Os textos são mais cuidadosamente elaborados e as páginas não são divididas em colunas. O texto nesse, além de ser voltado para o tecnicismo, também estava voltado para o desenvolvimento de uma narrativa da história da ditadura, como se vê no seguinte trecho:

O problema mais imediato com que se defrontou o novo governo foi o do *terrorismo*. Graças ao desbaratamento de numerosos aparelhos, o nível do terrorismo começou a cair principalmente em 1971. Realmente, a eficiente ação repressiva dos órgãos policiais e militares, somada ao repúdio geral da população contra os métodos usados pelos vermelhos, contribuiu para, praticamente, eliminar a ação dos elementos subversivos.⁴

Por ter sido escrito nos últimos anos da ditadura, o texto procura construir uma visão estreita dos acontecimentos, utilizando da perspectiva da política de extrema direita.

Nesse contexto, a propalada democratização assumia uma dimensão exclusivamente quantitativa e excluía a liberdade de participação política da população. O que se percebia era: o uso da repressão e da censura ao ensino; a introdução de disciplinas que defendiam a Ideologia de Segurança Nacional; o encerramento dos diretórios e grêmios estudantis e sua substituição pelos denominados “centros cívicos escolares”, que eram tutelados e submetidos às autoridades oficiais.⁵

Os textos do livro História (1993), destacam a história econômica. O primeiro texto possui dez folhas e tem como título “Texto Básico”. Desenvolve a história política e econômica do período sob a perspectiva econômica e as vezes social. O segundo texto, chamado de “Texto de Aprofundamento”, que seria o texto didático, começa com a seguinte fala:

Os temas tratados neste capítulo são muitos e, pelas limitações da presente obra, não será possível uma reflexão sobre todos eles. Optou-se, portanto, por destacar alguns aspectos que parecem mais significativos.⁶

⁴ P. 371

⁵ ASSIS, Renata M. p.336

⁶



Não há realmente um aprofundamento como o título promete, apenas mais explicações econômicas do período. Há somente a seguinte frase durante a parte reservada para a reflexão, que no caso seriam os textos da imprensa, há no final “Após a leitura do documento, faça um comentário de aproximadamente cinco linhas”. Por mais que os textos sejam em boa parte tecnicista, há indícios já de uma história social e reflexiva.

Os textos do livro Escrita da História (2005) já são totalmente voltados para a vertente da história social e cultural. São textos longos de uma ou duas páginas, e as reflexões são tidas constantemente, não apenas nos textos mas também nos quadros com imagens, como no quadro da página 576 intitulado “Made in Brazil?”, que discute brevemente sobre uma fala de Brigitte Bardot que diz: “Adorei a revolução de vocês!”.

Existem quatro tipos de atividades no livro. A primeira chamada de “Verificação de Leitura” com curtas perguntas após a finalização de um assunto. A segunda chamada de “Oficina de História” no final de cada capítulo, onde sempre há um documento acadêmico seguido de perguntas sobre ele, várias análises de imagens, fotografias e charges. E ao final da unidade as duas últimas, chamada a primeira de “Atividade de Fechamento” com análise de textos, as vezes mais de um texto, quadros, músicas ou poesias. E o último com nome de “Radar” onde reúne questões de vestibulares de diversas faculdades e universidade do Brasil.

No livro mais recente, História em Movimento (2015), volta a estrutura de textos em colunas. Os textos passam a ser curtos e mais técnicos sobre o assunto, não se estendendo para nenhuma área específica da história. Destaca-se palavras no meio do texto em azul e desenham um quadro ao lado com uma indicação de filme, peça de teatro, documentário ou livro, sem falar nada mais do que o título e o ano para o leitor. As reflexões são feitas por meio de quadros destacados entre os textos.

No final do capítulo há um conjunto de atividades com o título “Organizando as Ideias”, onde as respostas das perguntas são encontradas no texto, como se fosse uma continuação da pergunta. Logo em seguida há mais algumas atividades chamadas de “Interpretando Documentos”, com três charges seguidas de algumas perguntas. Por fim, o “Fechando a Unidade”, com um tema específico, que nesse caso é “Violência”, com um mapa do Brasil que indica a mortalidade de jovens seguido de uma música dos Racionais MC e quatro perguntas simples sobre os documentos apresentados. A última pergunta chega a ser interessante, incentivando os alunos a escreverem um *rap* sobre violência e apresentarem para a turma.

Conclusão

Ao analisarmos esses livros podemos perceber a mudança na historiografia brasileira, e como ela afetou significativamente a forma de ser produzir um texto didático. Dos tecnicistas durante a ditadura militar aos culturalistas dos anos 2000.



Os primeiros dois livros mostrando como a ditadura manipulava as informações para transmitir para os alunos uma versão daquilo que aconteceu. O terceiro livro mostrando o quanto a educação estava desestruturada, ao tentar transmitir ansiosamente o que realmente aconteceu durante a ditadura miliar, mas sem nenhuma estrutura didática. O quarto livro demonstra a liberdade que os historiadores passaram a ter e o avanço nos estudos de história social e cultural. Apesar o quinto livro retomar um pouco o tecnicismo, a reflexão social e cultural ainda existe.

Referência

VALUCE, Ládmo. História do Brasil. Editora do Brasil S. A. 1973

MICHALANY, Douglas. RAMOS, Ciro de Moura. História do Brasil. Edições Machalany, 1981.

FARIA, Ricardo de Moura. MARQUES, Adhemar Martins. BERUTTI, Flávio Costa. Belo Horizonte, Editora LÊ. 1993

CAMPOS, Flávio de. MIRANDA, Renan Garcia, Escrita da História. Vol. Único. São Paulo. Editora Escala Educacional, 2005.

AZEVEDO, Gislane. SERIACOPI, Reinaldo. História em Movimento. 2 ed. São Paulo. Editora Ática, 2015

Novos estudos. Disponível em:
<http://novosestudos.org.br/v1/files/uploads/contents/77/20080626_o_presente_como_historia.pdf> Acessado dia 26 de outubro de 2016

Seer, Disponível em:
<<http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoemperspectiva/index.php/ppgeufv/article/viewFile/171/89>> Acessado dia 26 de outubro de 2016